

Juventude(s) e a escola atual: tensões e conflitos no “encontro de culturas”

Maciel Pereira da Silva¹

Resumo

O artigo, ora apresentado, é resultado de um estudo bibliográfico a respeito dos atuais conflitos relacionais entre a escola e o aluno atual. O sistema educacional brasileiro tem sido marcado, em tempos recentes, por uma ampla política de inclusão social pautada pela possibilidade de acesso de jovens oriundos dos grupos sociais mais pobres aos espaços escolares. Nesse mesmo período, outras importantes transformações sociais estiveram (e estão) em curso no país, dentre as quais se destaca o processo de metropolização populacional e a massificação da tecnologia de informação e comunicação. Nesse contexto, os estudiosos da temática juventude, sugerem que tais transformações sociais têm influenciado os comportamentos sociais dos jovens e culminado na emergência de diversas “culturas juvenis”. Assim, a recente admissão dos heterogêneos grupos juvenis aos espaços escolares significa, também, a chegada das diversas culturas juvenis à escola. Diante de tais acontecimentos, deduz-se que os conflitos relacionais entre a escola e o aluno atual seja o resultado do “encontro de culturas”, ou seja, do encontro entre a cultura escolar tradicional estabelecida e as recentes e diversas culturas juvenis.

Palavras-chave

Juventude. Escola. Cultura Juvenil.

1. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, professor efetivo da rede estadual de ensino do Distrito Federal. E-mail: maciel0510@gmail.com.

The youth and the current school: tensions and conflicts in the “meeting of cultures”

Maciel Pereira da Silva*

Abstract

This text is the result of a bibliographic study on current relational conflicts between the school and the current student. In recent time, the Brazilian educational system has been marked by a broad politics of social inclusion that made possible for young people, from the poorest social groups, to have access to education. Moreover, other important social changes have been occurring in the country, among which stands out the metropolization process and the mass use of communication and information technology. In this context, scholars that research on the youth thematic suggest that such social changes have influenced the social behavior of young people and led to the emergence of various “youth culture”. Thus, the recent admission of heterogeneous youth groups to school spaces also means the arrival of different youth cultures to school. Given these developments, this study concludes that relational conflicts between the school and the current student is the result of the “meeting of cultures”, that is, the encounter between the established traditional school culture and the recent and varied youth cultures.

Keywords

Youth. School. Youth Culture.

* MsC in Geography, Federal University of Goiás, state of Goiás, Brazil; teacher, public school system of Distrito Federal, Brazil. E-mail: maciel0510@gmail.com.

Introdução

O artigo, aqui apresentado, originou-se de estudos bibliográficos, conversas com docentes e reflexões a respeito da relação entre a(s) juventude(s) e a escola contemporânea. O tema ganha relevância na medida em que é observada, nos espaços escolares, a crescente dificuldade de relacionamento entre a escola e o aluno atual. A convivência entre as partes tem sido repleta de conflitos e tensões e as possibilidades de entendimento parecem, ainda, distantes.

Nesse contexto de crescentes dificuldades de relacionamento entre a escola e o aluno atual, destaca-se, como fenômeno inovador, a democratização dos ambientes escolares no país. Por força de ações políticas iniciadas no decorrer da década de 1990 – mais precisamente a partir do Plano Decenal de Educação para Todos – a escola brasileira vem abrindo as portas, gradativamente, para uma clientela oriunda de grupos sociais cada vez mais diversificados.

Além do recente processo de democratização da escola brasileira, destaca-se, também, no período, o extraordinário desenvolvimento e a massificação da tecnologia de informação e comunicação, que passou a influenciar fortemente na constituição da “visão de mundo” da juventude contemporânea. Nesse contexto, os valores culturais juvenis, em todos os grupos econômicos, passaram a ser formados sob a égide da cultura midiática global.

Assim, os “novos” sujeitos que passam a frequentar as salas de aulas não o fazem de forma neutra. Eles trazem, em suas visões de mundo, os elementos da cultura midiática global absorvida e adotada por seus grupos de pertencimento. Tais valores nem sempre são aqueles esperados pela escola, que, em muitos aspectos, mantém-se, ainda, em uma linha tradicional.

Para Libâneo (2006), o espaço escolar contemporâneo representa, para a juventude, um espaço de sociabilidade. Dessa forma, a escola ganha relevância, para os jovens, por se

constituir no espaço de exposição de suas culturas, locais para os namoros, para a constituição de amizades e de outras situações de sua existência.

Diante de tal cenário, a questão é se os crescentes conflitos entre o aluno atual e a escola estão relacionados ao recente processo de democratização dos ambientes escolares. O fato de a juventude contemporânea ser influenciada culturalmente pela mídia global tem interferido negativamente em seu relacionamento com a escola? Estaria a escola contemporânea vivenciando um embate de culturas, ou seja: embate entre a cultura escolar estabelecida e as novas culturas juvenis?

No intuito de refletir a respeito das referidas elucubrações, propõe-se, neste artigo, tecer uma discussão sobre as temáticas juventude e escola. Assim, a primeira parte do texto será dedicada a uma análise acerca da constituição e evolução da categoria juventude no Brasil. Em seguida, em um segundo momento, será analisado a relação que vem se constituindo entre a juventude contemporânea e a escola.

Juventude(s) no Brasil: constituição e evolução

Diante do desafio de se posicionar a respeito do entendimento de juventude, duas vertentes se apresentam de imediato: a primeira constitui-se naquela que entende e define juventude por um viés natural, a partir do desenvolvimento biológico e psicológico dos indivíduos. Já a segunda entende juventude “como categorias socialmente construídas, portanto, históricas e passíveis de mudanças no tempo e no espaço” (CASSAB, 2010, p. 40).

Em concordância com diversos autores das Ciências Humanas, dentre eles Spósito (2005), Turra Neto (2008), Cassab (2010), Abramo (2011), Cavalcanti (2011) e Chaveiro (2011), opta-se pela segunda vertente, que

entende juventude como uma construção social, histórica e espacial.

Enquanto categoria socialmente construída, a juventude não se fez presente em todas as sociedades. Fato que justifica algumas breves considerações a respeito de sua constituição e evolução, especialmente no Brasil. A respeito da constituição da juventude, Abramo (2011) tece a seguinte consideração:

É forçoso, embora repetitivo, lembrar que os conteúdos, a duração e a significação social destes atributos das fases da vida são culturais e históricos, e que a juventude nem sempre apareceu como etapa singularmente demarcada. Tal como foi consolidado no pensamento sociológico, a juventude “nasce” na sociedade moderna ocidental (tomando um maior desenvolvimento no século XX), como um tempo a mais de preparação (uma segunda socialização) para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe. Preparação feita em instituições especializadas (a escola), implicando a suspensão do mundo produtivo (e da permissão de reprodução e participação); estas duas situações (ficar livre das obrigações do trabalho e dedicando ao estudo numa instituição escolar) se tornaram os elementos centrais de tal condição juvenil. (ABRAMO, 2011, p. 41).

Para a autora, portanto, a juventude nasce na sociedade moderna ocidental para atender às novas demandas produzidas pela sociedade industrial.

Cassab (2010) destaca o período posterior à Segunda Guerra Mundial como momento de clara ascensão juvenil, que se inicia nos Estados Unidos e se irradia pelo mundo ocidental. Para a pesquisadora, o período representa um marco na construção de uma consciência etária que diferenciava o mundo dos jovens do mundo dos adultos.

Nos anos do pós-guerra, a juventude emergia em todo o mundo ocidental como um desafio. Além disso, ela era considerada uma etapa

susceptível à revolução ou à rebelião e poderia manifestar atitudes rebeldes e até mesmo delinquentes. Tais manifestações poderiam ser percebidas na música, na forma de vestir e no alinhamento com os ideais da Revolução Cubana. Para Souza (2006, p. 23),

A juventude, invenção da sociedade moderna, na década de 50 já era considerada uma “ameaça” à estabilidade social, um “problema” que carece de investigação e intervenção.

Os movimentos juvenis nos Estados Unidos e na Europa passaram a influenciar fortemente as atitudes dos jovens brasileiros a partir da década de 1950. Naquele período, que se estendeu até o início dos anos 1960, os jovens brasileiros da classe dominante, tanto rapazes quanto moças, manifestavam suas atitudes rebeldes na forma de se vestir, na música, especialmente no rock e, ainda, no questionamento aos valores sociais tidos, até então, como inabaláveis. Tais acontecimentos, relacionados ao mundo juvenil, levam muitos autores a identificarem o período como momento que assiste ao nascimento da juventude no país.

A segunda metade da década de 1960 e início de 1970 foi um momento de efervescência na juventude brasileira marcado pelo engajamento político dos jovens na luta contra o regime ditatorial instalado no Brasil, em 1964. Porém, Souza (2006) alerta que, na categoria juventude daquele momento, não estavam inseridos todos os jovens brasileiros. Faziam parte da juventude e eram considerados agentes políticos e conscientes da luta pela transformação política e social, basicamente, os estudantes universitários oriundos das classes média e alta da sociedade. Os jovens, filhos da classe trabalhadora urbana e da sociedade rural, viviam na condição de invisibilidade social.

Os estudos, a respeito da juventude, desenvolvidos pela Sociologia no Brasil, identificam dois momentos de manifestação juvenil que

possuem uma natureza distinta. No primeiro momento, que se estende da década de 1950 até os anos iniciais de 1960, os gestos e atitudes dos jovens eram interpretados como atos de contestação: resultado de desvios e de mudanças sociais ou resultado de conflitos geracionais.

A partir da década de 1970, em um segundo momento de manifestação juvenil no Brasil, inaugura-se uma nova leitura sobre a juventude, muito influenciada pela postura crítica e de luta dos jovens contra o regime político ditatorial instalado no país, em 1964. A Sociologia passa a analisar a juventude como categoria que, além de social e histórica, passa a ter importante função política. O jovem passa a ser encarado como um agente da possível transformação das estruturas políticas e sociais do país (CASSAB, 2009).

De 1980 em diante, com mudanças de ordem política e econômica no Brasil, que são materializadas com a redemocratização do país e avanços no processo de globalização da economia, identifica-se um terceiro momento da manifestação juvenil, que se diferencia substancialmente dos dois momentos até então verificados. A juventude parece ser seduzida pelo prazer do consumo proveniente de inovações tecnológicas e de um estilo de vida urbano concretizado. Isso vai redefinir valores e estilos.

Dois fatores ligados ao processo de globalização da economia se destacam como determinantes para a nova forma de agir da juventude na década de 1980: atuação dos meios de comunicação de massa que, em função do avanço tecnológico, alcança um número cada vez maior de pessoas e atua de forma mais eficiente no processo de alienação; e a necessidade, por parte do capital, de ampliação do mercado consumidor, que enxergava na juventude um público potencial.

A respeito da transição comportamental da juventude, dos anos 1960 e 1970 para os anos 1980, Moreira, Rosário e Santos (2011, p.

461) apontam que

uma das características mais importantes da juventude é o sentimento de inadequação, o sentimento de que seu tempo não o compreende e precisa ser modificado. Esse sentimento foi o motor para os movimentos políticos da década de 1960 e 1970 e, também para os movimentos culturais de rebeldia e inovação. Mas parece que nos anos de 1980 o sentimento de inadequação será acalmado com as ofertas de produtos para o consumo e a exacerbação dos prazeres. Toda a força de transformação é capturada pelo consumo que possibilita a vivência de intensos, rápidos e viciantes prazeres.

Visto como um potencial consumidor, como uma nova fatia do mercado de consumo, a juventude tornou-se referência para a indústria de marketing e passou a definir padrões de consumo. Há de se destacar, também, nesse novo contexto, a extrema valorização dada à juventude. Kehl (2007, p. 46) assim descreve:

Mas também não é preciso repetir que forças bem mais poderosas do que os anseios de uma ou duas gerações de filhos, logo, entraram em jogo. Que as forças de capital – as mesmas que contribuíram para evocar espíritos juvenis adormecidos e provocar a onda de demandas jovens da década de 1960 – com seu senso imbatível de oportunidade, souberam reorganizar o caos em torno da chamada lógica de mercado.

Ser jovem virou *slogan*, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa. Ao mesmo tempo, a “juventude” se revelava um poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres, e desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer critérios quanto ao valor e à consistência, digamos, existência, de uma enxurrada de mercadorias tornadas, da noite para o dia, essenciais pra a nossa felicidade.

Consolida-se, dessa forma, a “cultura

juvenil". O desejo coletivo é se identificar eternamente como jovem. Juventude tornou-se estilo de vida, um modo de ser almejado por todos. É o processo de "teenagização" ou "juvenização" (KELH, 1998) da cultura ocidental.

A inserção da juventude, na esfera do consumo, acompanhado do desinteresse progressivo em relação às questões políticas, desatualizava a leitura sociológica sobre a temática. Não se tratava mais dos conflitos geracionais dos anos de 1950, tampouco da juventude revolucionária do final dos anos de 1960 e de 1970.

Na busca por explicações para as ações de desmobilização coletiva, emergiram os diversos trabalhos sociológicos no campo dos movimentos sociais. As leituras iniciais apontavam para a não mais necessidade de mobilizações, uma vez que o objetivo maior, que seria a abertura de diálogo com o governo, já havia sido contemplado com a redemocratização do país. Outro viés explicativo consistia na influência do movimento de negação ao marxismo e da condição de classe como instrumentos analíticos da sociedade. Assim, tais movimentos orientavam para a rejeição dos movimentos sociais organizados, tais como sindicatos, diretórios acadêmicos e outros. O resultado foi a emergência de manifestações de resistência popular organizada e independente de sindicatos e de partidos. Tais formas de manifestações foram definidas, pela Sociologia, como "novos movimentos sociais".

Nesse contexto, as análises sociológicas deslocam-se das relações econômicas para a criação de identidades em torno da esfera do cotidiano. Diante de tais transformações no campo das investigações sociológicas, as pesquisas relacionadas à juventude voltaram-se para os estudos da cultura como elemento agregador e identificador. Os interesses centraram-se em identificar e analisar o que seriam uma "cultura juvenil" e uma "sociabilidade juvenil". (CASSAB, 2009).

Nesse contexto, a avassaladora força do

mercado vinculou fortemente a cultura juvenil à esfera do consumo. Debert (2010, p. 2) entende que:

A juventude perde conexão com um grupo etário específico e passa a significar um valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer idade através da adoção de formas de consumo de bens e serviços apropriados.

De maneira geral, a leitura das Ciências Humanas, sobre a juventude, converge para o seu entendimento como um fenômeno coletivo, socialmente construído e vivenciado em um determinado momento da vida pelos indivíduos. Embora exista grande incidência de indivíduos jovens, que experimentam a juventude, esta não é uma regra. O momento de se aderir ou desvincular-se da juventude pode ocorrer em qualquer idade e é determinado pela adoção de valores sociais, culturais e simbólicos, típicos da cultura juvenil.

Outro importante aspecto com relação à produção teórica da temática juventude pelas Ciências Humanas consiste na quase unanimidade entre os autores ao posicionarem-se a favor da existência de diversos grupos. A esse respeito, Esteves e Abramovay (2007, p. 25) tecem a seguinte consideração:

Existem muitos e diversos grupos juvenis, com características particulares e específicas, que sofrem influências multiculturais e que, de certa forma, são globalizados. Portanto, não há uma cultura juvenil unitária, um bloco monolítico, homogêneo, senão culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, completamente contraditórias entre si. [...] vivencia-se a condição juvenil de diferentes maneiras, em função das diferenças sociais e de parâmetros concretos, como o dinheiro, a educação, o trabalho, o lugar de moradia, o tempo livre etc. Logo, a definição da categoria juventude em hipótese alguma pode ser a mesma para todos aqueles que nela estão enquadrados.

Para os autores, portanto, a juventude não é única. As diferentes realidades socioeconômicas são encarregadas de produzirem suas próprias juventudes. Concorde-se com Castro e Abramovay (2003, p. 25), quando afirmam que:

Na realidade, a juventude assume faces diferentes de acordo com as condições materiais e culturais que a cercam, de acordo com o território em que se encontra.

Dessa forma, por considerar que o território de vivência interfere na forma de constituição das juventudes, admite-se a importância de se agregar, ao estudá-las, os fatores relacionados aos processos de globalização e urbanização vivenciados pela sociedade atual. O fato de se viver em territórios urbanos, erguidos no bojo de um mundo globalizado, certamente, influencia na constituição das juventudes contemporâneas.

Nessa linha de raciocínio, Chaveiro (2011) afirma que o jovem atual é aquele que é educado pela força tecnocêntrica e pela fragmentação e a diluição do trabalho rígido, pela aceleração do tempo e pela reorganização das redes. A sua participação no mundo é tensionada pelo chamamento ao consumo, pela ameaça da violência simbólica e pela dificuldade em estruturar o ego e as suas condições de reprodução da vida. Trata-se do jovem que concretiza a sua sociabilidade por meio de redes sociais que refazem o plano de seu cotidiano, de seu contato com o outro, de seu mundo mental, de sua percepção e, especialmente, por um processo vertiginoso de desenraizamento das tradições, de valores e do gosto.

A vivência de tais condições conduzem os jovens à produção e à adoção de novas culturas, que se materializam em seus corpos e são expressas por meio de suas atitudes e comportamentos. Tais culturas, estranhas aos valores tradicionais, encontram resistência no meio social e contribuem para a produção de representações sociais negativas da sociedade

contemporânea a respeito dos jovens. Estes são, frequentemente, associados à indisciplina, à irresponsabilidade, à violência, ao consumo de drogas e a outros fatos.

O “modo de ser” da juventude atual, que tende a sofrer com as representações sociais negativas, muito comumente desencadeia os conflitos que se manifestam de forma mais contundente em determinados espaços, dentre eles, o espaço escolar. Por ser um local de convergência de grande número de jovens, a escola torna-se um dos principais palcos de manifestação das diversas culturas juvenis.

Diante do cenário posto, propõe-se, para o próximo tópico, uma reflexão a respeito dos conflitos relacionais entre a juventude e a escola atual. O principal pressuposto é de que a escola avançou no sentido da inclusão, porém não se preparou para lidar com as diversas culturas juvenis que, agora, adentram os muros escolares.

As juventudes na escola atual: os embates advindos do “encontro de culturas”

Um fato, em especial, tem marcado a realidade do sistema escolar brasileiro nas últimas décadas. Trata-se da ampliação da cobertura escolar para as crianças pobres do país. Até as últimas décadas do século passado, somente os filhos da classe dominante tinham a garantia de acesso à escola. À maioria dos filhos da classe trabalhadora era reservado um projeto de iniciação precoce ao mundo do trabalho, na qual carregava consigo a condição de semianalfabetos. Poucos eram aqueles que conseguiam ingressar na escola e, menos ainda, apareciam os que conseguiam frequentá-la até as etapas mais avançadas da formação.

A partir da década de 1990, com a implementação do Plano Decenal de Educação para Todos, ocorreram avanços significativos rumo à democratização da educação básica no Brasil. O aludido projeto tinha como metas centrais a universalização do acesso à educação e

a promoção da equidade nos espaços escolares.

Conforme enunciado anteriormente, ao longo das últimas duas décadas, a iniciação aos estudos tem se tornado realidade para praticamente todas as crianças do país e, como consequência, o índice de analfabetismo, entre os jovens, tem declinado². No entanto, se a inclusão das crianças ao sistema escolar já é praticamente realidade, a permanência delas é meta que precisa ainda ser alcançada.

Uma parte das crianças que ingressa na escola desiste de estudar antes de concluir a educação básica, outra parte não consegue acompanhar a evolução das séries escolares e, assim, termina em situação de desconformidade em relação à idade e à série cursada. O resultado é que, já na segunda fase do ensino fundamental ou ensino médio, o quantitativo de alunos que permanece frequentando as salas de aula, principalmente em série compatível com a idade, é bem inferior ao que ingressou na primeira fase do ensino fundamental³. Pode-se dizer que a escola brasileira avançou no sentido de incluir crianças nos seus espaços, porém, a permanência e a aprendizagem satisfatória ainda são um imenso desafio.

Paralelamente ao processo acima mencionado, que trata do contexto de inclusão escolar no Brasil, ocorreram outros eventos que, por sua relevância, merecem ser mencionados. A rede pública de ensino do país continua, ainda, a receber o maior número de matrículas na educação básica, se comparada à rede privada. De acordo com os dados do Censo da Educação Básica 2013, são 41,43 milhões de alunos matriculados na rede pública e somente 8,61 milhões na rede privada de ensino.

No entanto, em tempos recentes, tem ocorrido uma redução de matrículas no sistema

educacional público e, em um movimento inverso, há a ampliação do ingresso de alunos na educação básica das instituições privadas. O Ministério da Educação e Cultura (MEC), a partir dos dados levantados pelo Censo da Educação Básica nos anos de 2010 e 2013, revela que, no ano de 2010, 7,56 milhões de estudantes – o que correspondia a 14,7% do total de alunos da educação básica – estavam matriculados em escolas privadas. Já no ano de 2013, esse quantitativo aumentou para 8,61 milhões de estudantes, o que representava 17,2% do universo total de alunos. Na rede pública de ensino, o movimento tem sido inverso: em 2010, eram 43,99 milhões de estudantes, ou seja, 85,3% do total; já em 2013, os números de matrículas caíram para 41,43 milhões, o que representava um percentual de 82,8% do quantitativo geral de matrículas.

Os dados da pesquisa mostram que um número cada vez maior de famílias tem optado por matricular os seus filhos em escolas particulares. Deduz-se que, esse movimento, esteja ocorrendo em famílias de maior poder aquisitivo, pelo fato de que as mais pobres não possuem os recursos econômicos para bancar os gastos exigidos pelas instituições privadas de ensino.

De forma sintetizada, tem-se a seguinte situação: a escola pública, que, por longos anos, serviu à elite do país, volta-se, agora, para o atendimento aos filhos da classe trabalhadora. Os filhos da elite, ao assistirem a chegada das camadas mais pobres da população, migram para a rede particular de ensino. A tendência em curso é: a escola pública para os pobres e a escola privada para os ricos. Uma aproximação ao que Libâneo (2012) denomina de escola do conhecimento para os ricos e escola do acolhimento social para os pobres.

2. De acordo com o IBGE, no ano 2000, 5,8% dos jovens com idade entre 15 e 24 anos eram analfabetos. Já no ano de 2010 esse índice caiu para 2,5% para jovens na mesma faixa etária.

3. De acordo com a Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) e Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA)/2014, no ano de 2012, 84% dos jovens com idade entre 15 e 17 anos frequentavam a escola. Porém, apenas 55% desses frequentavam o ensino médio. Nível compatível com suas idades.

A massificação da escola pública trouxe consigo algumas situações inovadoras, dentre elas, a heterogeneização sociocultural dos espaços escolares. Aquela escola que recebia uma clientela previamente selecionada, tendo por base as suas condições socioeconômicas, cedeu lugar a uma escola aberta a todas as camadas sociais. O resultado foi o povoamento da escola por uma diversidade muito maior de jovens sujeitos.

Ao considerar que juventude seja uma construção histórica e social e se apresenta de forma fragmentada, multiplicando-se em diversas juventudes, conforme a análise apresentada alhures, é possível afirmar que, nesse momento, as diferentes juventudes adentram os espaços escolares, uma vez que os jovens sujeitos representam-nas de forma concreta. As juventudes são heterogêneas e se caracterizam por sua origem social, condições materiais de vida e, especialmente, por suas culturas. Elas procuram imprimir em seus corpos as marcas identificatórias do grupo ao qual pertencem. Para Dayrell (2007, p. 1110):

Estas culturas, como expressões simbólicas da sua condição, manifestam-se na diversidade em que esta se constitui, ganhando visibilidade por meio dos mais diferentes estilos, que têm no corpo e seu visual uma das suas marcas distintivas. Jovens ostentam os seus corpos e, neles, as roupas, as tatuagens, os *piercings*, os brincos, dizendo da adesão a um determinado estilo, demarcando identidades individuais e coletivas, além de sinalizar um status social almejado.

Então, tais características juvenis já podem ser observadas nos espaços escolares contemporâneos. São adereços, como os brincos e colares extravagantes; o uso dos bonés que, em muitos casos, servem para identificar os grupos de pertencimento; as tatuagens; os tênis em cores vivas e chamativas; o tipo de corte e a pintura dos cabelos, os *piercings* colocados nos lábios, nariz e umbigos; o uso de coturnos

e capas pretas, geralmente usadas para cobrir o velho uniforme escolar. Tudo isso, claro, acompanhado dos indispensáveis aparelhos celulares e os seus fones de ouvido.

Além de estilo e visual próprios, os grupos juvenis se diferenciam por meio de suas filiações ideológicas e por suas visões de mundo. Eles trazem consigo uma forma singular de valores e pensamentos que, normalmente, não se alinham aos pensamentos dos educadores, tampouco à cultura escolar estabelecida, que se pauta na disciplina e no cumprimento rígido das regras impostas.

Como resultado, tem-se, nesse processo de “encontro de culturas”, a emergência de conflitos e tensões. Dayrell (2007) diz que a escola se abriu para receber um novo público, porém, não se redefiniu internamente, não se reestruturou a ponto de diálogo com os sujeitos e as suas realidades.

Nesse sentido, assiste-se, na atualidade, ao distanciamento da escola atual em relação ao jovem aluno. Há uma predominância em afirmar que ela é lenta em um tempo rápido. O jovem aluno não confia na escola e esta não reconhece o novo aluno. Isso é o que Chaveiro (2011, p. 179) denomina de “reino da perplexidade”:

A força social da escola torna quase obrigatória a inserção do jovem em seus espaços. Mas a demanda que o mundo atual solicita a ela evidencia um conflito: cabe à escola gerar novas qualidades de ensino; desenvolver aptidões criativas; acelerar o processo de formação; inseri-los nas novas formas e conteúdos do trabalho; atualizar-se pedagogicamente. Enquanto que o jovem aluno, formado pelos novos *ethos* da cultura juvenil, dista-se, ontologicamente, dessas demandas, sofre representações negativas na mesma direção que, negativamente, representa a escola. O saldo é, entre ambas, formar um reino de perplexidade. Fora a perplexidade da Escola, por meio de seus sujeitos diante da juventude atual, que possui dificuldade em compreender e relacionar com “esse jovem inquieto, indisciplinado,

debochado, frenético, compulsivo, sem interesse...”, há a perplexidade do jovem relativo à escola: “esse lugar estranho, rígido, burocrático, parado”. No interior da perplexidade há, de fato, um conflito de representações edificado em três vetores: no modo como o jovem aluno vê a escola; na maneira como a escola vê o jovem aluno e na forma com que ambos agem entre si a partir desse modo de representar.

O que se pode entender é que o “reino da perplexidade” é o resultado de uma relação conflituosa, uma vez que as transformações da escola não se deram na mesma velocidade do ambiente do jovem aluno. Por isso, a escola predominantemente tradicional não representa os anseios do jovem aluno “liberal”, que traz, em si, a força desafiadora da cultura juvenil.

As transformações recentes na sociedade, dentre eles o desenvolvimento da tecnologia da informação e comunicação, principalmente a televisão e a internet, colocam em evidências os novos modos de vida, especialmente para a juventude. Eles refletem negativamente em suas relações com a escola, que não se atualizou, ainda, para a nova realidade social.

Nesse contexto de mudanças, Libâneo (2006) afirma que os pais deixaram de ser o padrão de conduta, a escola deixou de ser o único lugar de transmissão de saber e o livro não é mais o único articulador de culturas. Para o autor, o jovem aluno contemporâneo carrega consigo uma multiplicidade de novos saberes. De acordo com o pesquisador,

Em frente ao professor, sentam-se alunos “empapados” de outros saberes, outras linguagens que circulam na sociedade, que não são saberes organizados como as matérias de ensino, mas saberes-mosaico, porque são fragmentos, pedaços da realidade, ainda que expressem o que se passa na cabeça das crianças. (LIBÂNEO, 2006, p. 28).

Essa nova forma de ser, do jovem aluno contemporâneo, apresenta a incompatibilidade

ao se deparar com o sistema escolar tradicional, ainda vigente em diversas instituições de ensino. Nessa realidade, o estudante, ao adentrar os muros escolares, deve investir-se da condição de aluno e todas as suas vivências extraescolares são, geralmente, desconsideradas.

No entanto, diante da realidade atual, torna-se cada vez mais difícil diferenciar o dentro e o fora da escola. Os valores sociais e condutas juvenis, formados sob a influência de conteúdos midiáticos globais, manifestam-se diretamente em seu interior. Para o pesquisador Libâneo (2006), a escola é um espaço onde se sintetiza a cultura vivenciada pelos alunos nas mídias, na cidade, nas ruas e no cotidiano da cultura com a cultura formal. Nesse contexto, os jovens alunos exigem o reconhecimento das suas condições de sujeitos, nas quais se devem considerar as suas vivências e experiências pessoais.

Entretanto, vale ressaltar que o desenvolvimento e a massificação da tecnologia de informação podem, também, contribuir positivamente para a formação intelectual dos estudantes contemporâneos. Ela não se resume a um instrumento “modelador” dos comportamentos juvenis indesejados pela escola atual.

Com a possibilidade do acesso dos estudantes a uma ampla rede de informações em diversas áreas científicas, eles têm oportunidades de buscar novos conhecimentos, de se atualizarem cientificamente, de ampliar os saberes advindos dos conteúdos escolares, dentre outros. O que ocorre, no entanto, é um subaproveitamento desses recursos por parte dos estudantes. Esses meios são predominantemente utilizados para propiciar as suas participações nas redes sociais, para o acesso a conteúdos midiáticos carregados por uma ideologia dominante, entre outros.

Os conteúdos midiáticos contribuem de forma decisiva para a homogeneização da cultura juvenil. As mídias cumprem o papel de lançar estratégias de construção de um modo de ser

jovem, que vai desde a indução ao consumo à cultura do corpo, à rebeldia aos modelos de vida adultos, ao lazer, à alimentação, às formas de conviver em sociedade e outros (LIBÂNEO, 2006).

Outro conflito, muito comum nas escolas de hoje, advém da dificuldade dos jovens estudantes em reconhecer, de forma espontânea, a autoridade do professor. Em tempos pretéritos, tal condição fluía naturalmente. O mestre era respeitado, simplesmente, por sua condição de mestre. Na realidade atual, a autoridade do professor está condicionada ao êxito nas negociações cotidianas estabelecidas com os alunos.

Além de transportar, via cultura juvenil, o mundo para dentro dos espaços escolares, a juventude contemporânea tende a transformar o espaço físico da escola em espaços sociais, por meio da atribuição de sentidos e significados próprios a eles. Para Dayrell (2007, p. 1120),

a escola é invadida pela vida juvenil, com seus *looks*, suas *grifes*, pelo comércio de artigos juvenis, constituindo-se como um espaço, também, para os amores, amizades, gostos e distinções de todo tipo.

Embora os espaços de lazer e festas sejam, para os jovens, os locais típicos de sociabilidade, eles fazem, também, dos ambientes escolares, lugares de fruição juvenil, por meio da ostentação dos adornos corporais e dos relacionamentos estabelecidos com os seus pares.

Na escola, em horários destinados à recreação, no intervalo entre as aulas, no início e final dos turnos e, até mesmo no decorrer das aulas, os jovens estabelecem relacionamentos: fazem as amizades, “paqueram”, “trocam ideias”, conversam... Os jovens não separam os ambientes de vivência do juvenil e os ambientes escolares. A escola, como diversas outras instituições, constituiu-se, também, em espaço de sociabilidade, de vivência do juvenil.

A sociabilidade juvenil, em espaços escolares, ganha maior dimensão, ainda, entre os jovens estudantes pobres. Em função da ausência de equipamentos públicos e de lazer nos bairros onde vivem, somado as suas dificuldades de locomoção para outros lugares da cidade, eles deslocam para a escola muitas das suas expectativas de produção de relações entre os seus pares (DAYRELL, 2007).

Assim, deduz-se que a conflituosa relação estabelecida entre as juventudes contemporâneas e a escola tenha contribuído para a permanência de resultados negativos no processo de ensino e aprendizagem, principalmente quando se trata do sistema público de educação. Não raro se vê, por meio da imprensa, o baixo desempenho dos estudantes quando são submetidos aos diversos processos avaliativos.

Diversos estudos apontam para as causas dos obstáculos enfrentados pelos docentes, que, geralmente, culminam com prejuízo no processo de ensino e aprendizagem, dentre eles a chegada das diversas culturas juvenis aos ambientes escolares. No entanto, pouco se vê nesses estudos a busca de soluções para a problemática. De certa forma, esse posicionamento, por parte dos pesquisadores da temática, pode ser compreendido.

A subjetividade, bem como a diversidade da referida problemática não permitem a proposição de medidas interventivas objetivas e padronizadas que, ao serem elaboradas, comporiam uma espécie de “cartilha” para a orientação da conduta docente. Os problemas relacionados ao embate entre a cultura escolar e a cultura juvenil são tão variados quanto às “visões de mundo” que moldam os comportamentos juvenis.

Assim, a busca de soluções para amenizar tais conflitos relacionais, deve ocorrer, individualmente, no âmbito de cada instituição de ensino, respeitadas as especificidades da comunidade escolar atendida. Algo que exige empenho e mobilização de todo corpo docente, bem como

da equipe gestora e demais funcionários da unidade escolar.

Considerações finais

Os estudos bibliográficos que dizem respeito à temática juventude, nos leva a concluir que a juventude não é homogênea. Ela se diferencia, a partir de sua origem social, etnia, gênero, renda, cultura etc. Daí, a existência de diversas juventudes. Por outro lado, deve-se admitir que as diversas juventudes participam das redes globais que, por força de uma influência midiática, também tendem a padronizar certos comportamentos juvenis. Assim, o desejo de consumo, por exemplo, tende a ser universal, embora nem todos possam fazê-lo. Da mesma forma, a construção da sociabilidade, por meio das redes sociais, parece ser comum a todos os grupos juvenis.

Então, quando se trata das pesquisas que envolvem o estudo das temáticas educação e juventude, destaca-se a chegada das várias culturas juvenis aos espaços escolares como o principal fator de mudança na dinâmica relacional, historicamente estabelecida entre a escola e o aluno. No Brasil, assiste-se, desde a década de 1990, a tendência de expansão da escolarização básica e, como consequência, a ocupação dos ambientes escolares por uma clientela oriunda de grupos sociais cada vez mais heterogêneos.

O sistema educacional brasileiro foi, historicamente, reconhecido por selecionar previamente aqueles que possuíam o direito de frequentar as escolas. Para a respectiva seleção, as condições socioeconômicas dos pretendentes se apresentavam como um critério balizador. Nos últimos tempos, especialmente por força do desenvolvimento de políticas públicas direcionadas à área educacional, encontra-se o progresso no sentido de estender a escola básica a todos os estratos sociais.

Tal tendência, de democratização das

oportunidades de escolarização, tem ocorrido, paralelamente, à emergência das manifestações, especialmente por parte da população jovem, de diferentes visões de mundo e de estilos de vida. Esses, que constituem os principais parâmetros para os agrupamentos dos jovens, são reconhecidos pelas Ciências Humanas como culturas juvenis. Assim, a expansão da escolarização básica, por coincidir com um momento em que os jovens buscam normalmente a adesão aos seus grupos de pertencimento, tem se traduzido no encontro da escola com as diversas culturas juvenis.

Entretanto, a relação da escola com o novo alunado não tem sido harmoniosa. A escola parece abrir as suas portas, sem se preocupar em elaborar um projeto que a permita lidar com a diferente realidade imposta pelo novo modelo de aluno. Por sua vez, os novos alunos parecem não demonstrar ter disposição em se adaptar às tradicionais normas impostas pela escola.

O aluno atual, diferentemente do modelo esperado pela escola tradicional, anseia por ser reconhecido pela sua condição de sujeito. Este se nega ao reconhecimento, padronizado, que a escola dispensa aos seus educandos, no qual todos são reduzidos à mera condição de estudantes. Ao resistir a essa forma de tratamento, o aluno tende a transportar, via cultural juvenil, o seu mundo de vivência para dentro da escola, a partir do qual passa a tecer o seu comportamento.

Assim, há uma clara tendência, por parte do aluno contemporâneo, em resistir à rotulação dada pela escola e pautar suas ações, inclusive no interior do ambiente escolar, em suas próprias visões de mundo. Essas, normalmente, se baseiam em valores externos à escola e são compartilhadas por seu grupo de pertencimento.

A escola, a partir de então, deixa de ser um local em que se dedica exclusivamente aos estudos e torna-se, também, espaço de vivência da condição juvenil. Nos ambientes escolares,

exibem-se visuais, atributos corporais e os comportamentos característicos dos respectivos grupos de pertencimento aos quais se filiam.

Nesse sentido, a inserção das culturas juvenis aos pátios escolares tem culminado na manifestação de novos comportamentos e valores, por parte dos estudantes que, ao

concorrer com aqueles valores definidos pela escola tradicional, tendem a se sobrepor. Dessa forma, o encontro da escola com os heterogêneos grupos de alunos e as suas culturas, tem sido apontado como origem central dos conflitos e tensões em ambientes escolares contemporâneos no Brasil.

Referências

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2011. p. 37-72.

CASSAB, C. **(Re)construir utopias: jovem, cidade e política**. 2009. 228f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

_____. Refazendo percursos: considerações acerca das categorias jovem e juventude no Brasil. **PERSPECTIVA**: Publicação da Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões, Erechim, v. 34, n. 128, p. 39-51, dez. 2010.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. **Por um novo paradigma do fazer políticas: políticas de/para/ com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2003.

CAVALCANTI, L. S. de. Aprender sobre a cidade: a geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares. **Revista Geográfica da América Central**, Costa Rica, Número Especial EGAL, p. 1-18, 2011.

CHAVEIRO, E. F. O jovem aluno contemporâneo e as demandas da escola: mundos em conflito. In: CAVALCANTI, L. S.; BUENO, M. A.; SOUZA, V. C. (Org.). **Produção do conhecimento e pesquisa no ensino da geografia**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011. p. 179-189.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

DEBERT, G. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, jul./dez. 2010.

ESTEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (Orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: UNESCO, 2007. p. 19-54.

KEHL, M. R. A Teenagização da cultura ocidental. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 set. 1998. Caderno Mais.

_____. A juventude como sintoma da cultura. **Outro Olhar**: Revista de debates mandato vereador

Arnaldo Godoi (PT), Belo Horizonte, v. 5, n. 6, p. 44-55, nov. 2007.

LIBÂNEO, J. C. Cultura jovem, mídias e escola: o que muda no trabalho dos professores? **Educativa**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 25-46, jan./jun. 2006.

_____. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

MOREIRA, J. O.; ROSÁRIO, Â. B.; SANTOS, A. P. dos. Juventude e adolescência: considerações preliminares. **Revista Psico**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 457-464, out./dez. 2011.

SOUZA, R. M. de. **O discurso do protagonismo juvenil**. 2006. 350f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

TURRANETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidades**. 2008. 516f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2008.

Submetido em 11 de fevereiro de 2015.

Aprovado em 19 de março de 2015.